

O saldo da manifestação de domingo



Por **SÉRGIO E. FERRAZ***

O recado do domingo da Ustrapalooza é na prática, endereçado, principalmente, a Tarcísio de Freitas, Romeu Zema, Ronaldo Caiado e a Michele Bolsonaro

Qual o saldo líquido para Jair Bolsonaro do ato de domingo? Basicamente, mostrar, para os que disputam seu espólio, que ele continua sendo, de longe, a principal liderança do campo da direita e que, se quiserem contar com seu apoio, em eleições futuras, deverão inserir em suas plataformas uma proposta de anistia, que o inclua, naturalmente.

O recado do domingo da Ustrapalooza é, portanto, na prática, endereçado, principalmente, a Tarcísio de Freitas, Romeu Zema, Ronaldo Caiado e a Michele Bolsonaro.

Não é por certo o que Jair Bolsonaro desejaria, mas é o que está ao seu alcance no presente momento: mostrar capacidade de mobilização e “fidelizar” eventuais herdeiros, evitando perda precoce de controle do campo da direita. Em especial, exigir a cláusula da anistia como condição de apoio. Pela enésima vez em sua carreira, o ex-capitão busca, quando acuado, em primeiro lugar, salvar a própria pele e se isentar de responsabilidades. Desde Gandu, nenhuma surpresa.

Outros objetivos, mais ambiciosos, como intimidar o STF e evitar sua prisão, ou criar uma situação em que, no Congresso, se produzisse uma maioria capaz de aprovar, desde já, medidas, que garantissem sua impunidade e a do seu círculo mais próximo, dependeriam da capacidade da extrema direita de mostrar força para subverter a ordem pública e virar a mesa. Ou no mínimo para desestabilizar fortemente o processo político. A manifestação de domingo, embora de grande porte, com quase 200 mil participantes, claramente está longe de representar ameaça dessa natureza.

Na verdade, essa força, no limite capaz de levar a uma ruptura de regime, foi exatamente o que Jair Bolsonaro e seu grupo demonstraram não possuir durante todo o mandato presidencial e, em especial, nos meses finais que desembocaram no fracassado *putsch* de 08 de janeiro de 2023, a despeito de todos os esforços realizados e que agora estão vindo à luz com as investigações.

Não tiveram essa força quando estavam no poder. Por óbvio, agora possuem muito menos capacidade de desestabilização. E é por isso que a intimidação ao Judiciário e a capacidade de pautar o Congresso para obter anistia imediata são metas fora do horizonte concreto hoje do bolsonarismo.

Para o infortúnio de Jair Bolsonaro, entre outros fatores, seus propósitos pessoais continuam divorciados dos objetivos de curto e médio prazo das Forças Armadas. Antes da troca de guarda no Planalto, a maior parte do Alto Comando do Exército provavelmente entendeu que tinha mais a perder do que a ganhar com um golpe bolsonarista, evitando assim sua consumação, em que pese as pressões existentes. Não toparam trocar uma posição orçamentária e salarial privilegiada pela subordinação a um extremista que atuaria, a partir da ruptura, livre das amarras do Estado de Direito.

a terra é redonda

Depois da ascensão de Lula, ou seja, no cenário atual, com as investigações em curso acumulando evidências da trama golpista, faz parte das intenções dos chefes militares usar a prisão de Jair Bolsonaro e seus generais como prova (duvidosa, decerto) de que a corporação se pautou pela legalidade. De novo, os propósitos de Jair Bolsonaro e caterva se chocam com o cálculo das Forças Armadas, tirando credibilidade de eventuais ameaças que possa ensaiar fazer.

Em suma, o domingo da terceira-idade reacionária na avenida Paulista terminou sem alterar em nada as chances de Jair Bolsonaro e sua turma sofrerem a devida responsabilização penal. A crer no que dizem alguns juristas e a Polícia Federal, sua fala contribuiu na verdade para piorar sua situação, evidenciando seu pleno conhecimento das minutas que buscavam dar tintas legais ao golpe em curso. A perspectiva de uma anistia em um futuro distante, com muitos “ses” e “senões” no meio do caminho, é tudo com que Jair Bolsonaro pode contar hoje.

PS: Muitos analistas destacam o caráter religioso do evento. Estão corretos. Esse crescimento da dimensão religiosa parece decorrer do recuo, na coalizão que sustentou Jair Bolsonaro nos últimos anos, dos setores militares e empresariais, que buscam, por vias diversas, e por motivos distintos, se adaptar às novas circunstâncias. Por isso, o bolsonarismo e a extrema direita tendem a se vestir com roupagens ainda mais fortemente religiosas no futuro próximo. Isso deveria estimular no Planalto e na esquerda as buscas – até aqui pouco frutíferas – de pontes com os evangélicos. Mas isso já é outra estória.

**Sérgio Eduardo Ferraz é doutor em ciência política pela USP.*

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)